



BOCCACCIO, Giovanni. "Nona novela / Quinta jornada".
 IN: *Decameron*. (Tradutor: Maurício Santana Dias).
 São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Federigo degli Alberighi ama sem ser amado, gasta sua fortuna em cortesias e ao final só lhe resta um falcão. Recebendo uma visita imprevista da amada e não tendo o que lhe oferecer de almoço, prepara-lhe a ave. Ao saber disso, a mulher muda de ânimo, toma-o por marido e o torna rico.

FLOMENA JÁ HAVIA parado de falar quando a rainha, percebendo que todos exceto Dioneo – por seu privilégio³ – haviam contado suas novelas, disse com o rosto sorridente: — Agora cabe a mim tomar a palavra; e eu, queridas amigas, o farei de bom grado narrando-lhes uma história em parte semelhante à precedente; não só para que saibam quanto sua graciosidade pode agir nos corações gentis, mas também para que compreendam que são vocês mesmas, quando convém, as prodigalizadoras de recompensas, sem deixar que a fortuna seja a eterna guia – a qual, no mais das vezes, por falta de discernimento, prodigaliza imoderadamente. Em

nossa cidade, como se sabe, Coppo di Borghese Domenichi foi – e talvez ainda seja nos dias que correm – um homem de grande e reverenda autoridade, merecedor de eterna fama muito mais por suas atitudes e virtude que por nobreza de sangue, e já em idade avançada várias vezes se entreteve com amigos e vizinhos sobre coisas passadas – algo que ele fazia com mais talento, memória e elegância que qualquer outro homem. Entre suas belas histórias, ele costumava contar que em Florença vivera um jovem chamado Federigo, filho de Messer Filippo Alberighi, que era o mais louvado fidalgo da Toscana em matéria de feitos cavaleirescos e de cortesia. Tal como ocorre à maioria dos rapazes da nobreza, ele se apaixonou por uma nobre chamada Monna Giovanna, considerada em seu tempo uma das mais lindas e encantadoras mulheres que havia em Florença; e, a fim de conquistar seu amor, ele se exibia em justas e torneios, dava festas, presentava e gastava o que tinha sem nenhum controle; mas ela, não menos honesta que bela, não dava nenhuma

3. Dioneo, um dos dez narradores das novelas do *Decameron*, é aquele a quem cabe encerrar as jornadas contando uma história. [N. T.]



* *Fiammetta*

atenção nem a ele, nem a nada que fizesse para cativá-la. Assim, dependendo muito além do que podia e sem nada conquistar, Federigo logo se viu desprovido de riquezas e empobrecido, sem outro bem senão uma pequena propriedade rural, de cuja renda vivia pauperrimamente; de resto, conservou apenas seu falcão, um dos melhores do mundo. Por isso, amando mais do que nunca e não podendo levar na cidade a vida que desejava, retirou-se para Campi, onde ficava seu sítio. E ali, caçando pássaros quando podia e sem recorrer a ninguém, suportava sua pobreza pacientemente. Até que um dia, estando Federigo reduzido à miséria, o marido de Monna Giovanna adoeceu e, vendo-se à beira da morte, mandou fazer o testamento; como era riquíssimo, deixou a herança ao filho já crescido com a instrução de que, caso este morresse sem deixar herdeiros legítimos, confiava sua fortuna a Monna Giovanna, a quem amara muito, e então morreu.

Ficando viúva, pois, e seguindo o costume usado entre nossas mulheres, Monna Giovanna levava


o filho todos os verões para uma de suas propriedades, situada bem próxima à de Federigo. Foi assim que o rapazinho começou a ter intimidade com Federigo e a divertir-se com pássaros e cachorros; e, tendo visto várias vezes o falcão de Federigo voar, afeiçoou-se fortemente a ele e quis tê-lo para si, mas não ousava fazer esse pedido ao amigo, pois sabia que Federigo o adorava. As coisas estavam nesse pé quando o rapazinho adoeceu; a mãe sentiu uma dor imensa e, como amava aquele filho único mais que tudo no mundo, passava todo o dia à sua cabeceira, confortando-o e amiúde lhe perguntando se havia alguma coisa que ele quisesse, pois, a depender do que o menino respondesse, ela faria o possível para obter o objeto desejado.




Depois de ouvir inúmeras vezes a oferta da mãe, o rapazinho disse: “Minha mãe, se a senhora conseguir para mim o falcão de Federigo, acho que em pouco tempo estarei curado”.


Quando ouviu isso, a mulher se deteve um instante e começou a pensar no que deveria fazer. Ela sabia que Federigo a amara intensamente sem jamais ter tido dela um aceno de olhos sequer, de modo que se pôs a meditar: “Como poderei pedir a ele esse falcão, que é, ao que ouvi dizer, o melhor a voar nos céus e, além disso, aquilo que o mantém em vida? E como serei tão insolente a ponto de pretender subtrair o único bem, a única alegria, que restou a esse nobre homem?”. Enredada nesses pensamentos, e tendo a certeza de ser atendida caso fizesse o pedido, não se decidia a responder ao filho e permanecia em silêncio. Por fim venceu o grande amor que sentia pelo menino e resolveu que, para contentá-lo, não importava o que acontecesse, ela mesma iria buscar aquela prenda, e então disse: “Meu filhinho, anime-se e esforce-se ao máximo para estar bem: eu lhe pro-

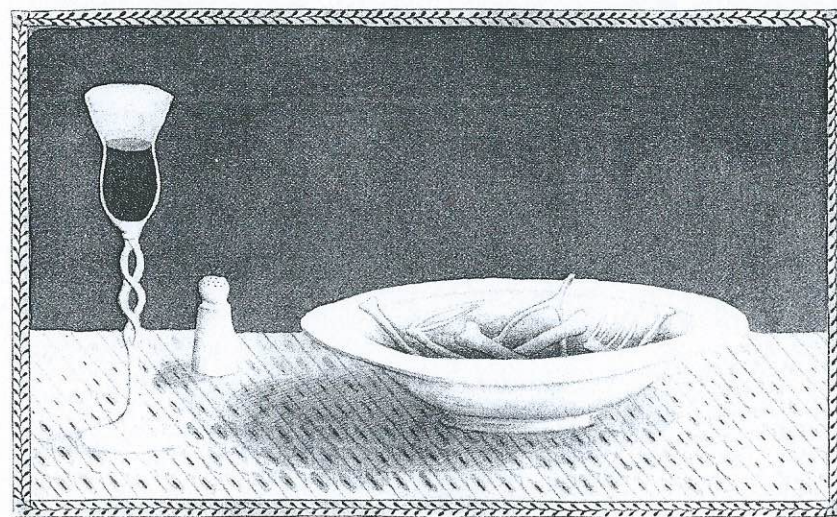
meto que a primeira coisa que farei amanhã de manhã é ir buscar o que você me pediu – e esteja certo de que o trarei”. O menino ficou tão contente que, naquele mesmo dia, mostrou alguma melhora. Na manhã seguinte, ela se fez acompanhar de uma senhora e, a pretexto de um passeio, dirigiu-se à pequena casa de Federigo e pediu para chamá-lo. Como não saíra de casa para caçar nem era tempo para isso, ele se encontrava em sua horta, fazendo uns trabalhos; quando ouviu que Monna Giovanna o chamava à porta, com grande surpresa correu feliz para lá. Ao vê-lo aproximar-se e cumprimentá-la reverentemente, ela se ergueu com graça senhoril e foi ao seu encontro dizendo “Que a paz esteja com Federigo!”, e prosseguiu: “Vim recompensá-lo dos danos que você sofreu por minha causa, amando-me mais do que lhe seria conveniente; e a recompensa é tal que pretendo, com esta minha amiga, almoçar hoje em sua companhia, como se fosse de casa”. Ao que Federigo humildemente respondeu: “Senhora, não me lembro de ter recebido nenhum dano

de sua parte, mas apenas tanto bem que, se tive algum valor nesta vida, ele adveio do seu valor e do amor que lhe devotei. E decerto esta sua generosa visita é mais preciosa a este pobre anfitrião que ao homem que fui, quando pude despende tudo o que consumi outrora e consumiria de novo". Assim dizendo, recebeu-a timidamente em sua casa e a conduziu ao jardim, onde, sem ter com quem deixá-la, disse: "Senhora, como não há mais ninguém aqui, esta boa mulher, esposa do lavrador, lhe fará companhia enquanto vou preparar a mesa".  Apesar de sua extrema pobreza, ele ainda não se dera inteiramente conta da necessidade em que se via metido pela gastança desordenada de suas riquezas; mas esta manhã, não achando nada com que pudesse honrar a mulher por cujo amor ele havia honrado incontáveis homens, o fez cair em si. Cheio de angústia e a maldizer sua sorte, correndo aqui e acolá como se delirasse, sem encontrar dinheiro nem o que empenhar, vendo a hora passar e sendo grande o desejo de honrar com alguma coisa a nobre

senhora, mas não querendo pedir nada a ninguém, nem sequer a seu lavrador, correu os olhos sobre o bom falcão, que avistou em sua saleta, empoleirado na barra de ferro; e assim, sem ter mais a que recorrer, pegou o pássaro e, percebendo que estava gordo, pensou que seria iguaria digna de tal senhora. Sem pensar mais nisso, torceu-lhe o pescoço, passou-o rapidamente a uma criada e o fez depenar, meter num espeto e assar diligentemente; e, posta a mesa com as últimas toalhas alvas que lhe haviam restado, retornou de rosto alegre à senhora que estava em seu jardim anunciando-lhe que o modesto almoço estava servido. Então a mulher se levantou com a amiga, ambas foram para a mesa e, sem saber o que estavam comendo, saborearam o bom falcão na companhia de Federigo, que as serviu com suma reverência.  Terminado o almoço e depois de se entreterem com falas amenas, a mulher achou que já era o momento de revelar o motivo que a levara ali e, voltando-se benevolmente para Federigo, começou a falar: "Federigo, ao se recor-

dar de sua vida passada e de minha honestidade, que você talvez tenha tomado por dureza e crueldade, não duvido que minha audácia lhe cause espanto quando eu lhe disser a principal razão que me trouxe aqui; porém, se você tivesse tido filhos e pudesse saber como é grande a força do amor que sentimos por eles, acho que em parte me perdoaria este gesto. No entanto, como você não os tem, e eu tenho um só, não posso escapar à lei comum a todas as mães; de modo que, devendo segui-la, cabe-me, contra minha vontade e contra toda conveniência e dever, pedir-lhe um dom que lhe sei sumamente precioso, e

com razão, pois sei que nenhum outro prazer, nenhuma outra diversão, nenhum consolo lhe deixou sua extinta fortuna: e esse dom é seu falcão, ao qual meu menino está tão apegado que, se eu não puder levá-lo para ele, temo que sua enfermidade se agrave e se complique tanto que eu o perca. Por isso lhe peço, não pelo amor que você me tem — o qual não o obriga a nada —, mas por sua nobreza e cortesia, as quais você demonstrou possuir acima de qualquer outro, que tenha a bondade de oferecê-lo a mim, e eu possa dizer que, por essa oferenda, mantive meu filho em vida, pelo qual lhe serei sempre agradecida". 



Ao ouvir o pedido da mulher e sabendo que não o poderia atender, já que lhe servira o falcão no almoço, desatou a chorar diante dela antes que pudesse dizer qualquer palavra. A princípio a mulher pensou que o choro derivasse sobretudo da dor por ter de afastar-se do bom falcão, e esteve a ponto de dizer que já não o queria; entretanto se conteve e esperou, após o choro, a resposta de Federigo, que falou assim: “Minha senhora, depois que Deus quis que eu lhe dedicasse meu amor, muitas vezes considerei que a fortuna foi ingrata comigo e dela me queixei; mas tudo é muito leve em comparação ao que ela me faz no presente, de modo que nunca poderei apaziguar-me, pensando que a senhora veio até minha pobre casa – aonde, quando era rica, jamais se dignou a vir – e pretendeu de mim uma pequena prenda, mas a fortuna agiu de modo que eu não possa atender a seu pedido, e brevemente lhe direi por quê. Quando soube que a senhora, por sua gentileza, queria almoçar comigo, em respeito a sua dignidade e a seu valor, considerei que deveria honrá-la com a mais preciosa



iguaria que estivesse a meu alcance, e não com o que de hábito as pessoas oferecem; então, recordando-me do bom falcão que a senhora acaba de me pedir, considerei-o alimento digno da ocasião e, nesta manhã, o servi assado numa travessa, pensando que estava a fazer o melhor; mas agora, sabendo que a senhora o desejava de outra maneira, sinto tanta dor por não poder servi-la que nunca mais poderei ter paz”. Dito isto, mandou buscar em testemunho de suas palavras as penas, os pés e o bico do pássaro. Ao ver e compreender o fato, ela antes lamentou que Federigo tivesse matado tão nobre falcão para dar de comer a uma mulher; depois, intimamente admirou a grandeza de sua alma, que a pobreza não pôde nem poderia aniquilar. Assim, perdendo as esperanças de obter o falcão e preocupada com a saúde do filho, partiu toda melancólica e voltou para perto do menino. Este, seja pela tristeza de não poder ter o falcão, seja porque a doença seguiu seu curso natural, não resistiu muitos dias e, para imensa dor de sua mãe, abandonou esta vida.



Cheia de lágrimas e de grande amargura, tendo ficado riquíssima e ainda jovem, a mulher foi instada repetidamente pelos irmãos a se casar de novo. Como não queria isso, mas era atormentada pelos pedidos, ela se lembrou da extrema generosidade e do valor de Federigo – que matara tão raro falcão em sua honra – e falou aos irmãos: “Se vocês me permitissem, eu preferiria continuar viúva; mas, se insistem que eu me case de novo, eu não tomaria nenhum outro por marido que não Federigo degli Alberighi”. Ao que os irmãos lhe responderam, em meio a zomba-

rias: “Tola! O que é que você está dizendo? Como vai querer alguém que não tem onde cair morto?”. Então ela retrucou: “Meus irmãos, sei que o que dizem é verdade, mas antes prefiro um homem que necessite de riqueza, a uma riqueza que necessite de homem”. Dando ouvidos à sua vontade e conhecendo, conquanto fosse pobre, o valor de Federigo, os irmãos – tal como ela queria – a deram em casamento àquele homem, com todos os seus bens. E ele, vendo-se casado com a mulher que tanto amara e além disso riquíssimo, tornando-se melhor administrador, com ela findou seus dias em felicidade.

